

UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA
INSTITUTO DE LETRAS
DEPARTAMENTO DE LÍNGUAS ESTRANGEIRAS E TRADUÇÃO
CURSO DE LETRAS: LÍNGUA E LITERATURA JAPONESA

MAÍRA DOS SANTOS MINATOGAU

ANÁLISE DA IDENTIFICAÇÃO DE ORAÇÃO ADJETIVA EM LÍNGUA JAPONESA
ATRAVÉS DO PROCESSO DE TRADUÇÃO

BRASÍLIA

2018

MAÍRA DOS SANTOS MINATOGAU

**ANÁLISE DA IDENTIFICAÇÃO DE ORAÇÃO ADJETIVA EM LÍNGUA JAPONESA
ATRAVÉS DO PROCESSO DE TRADUÇÃO**

Monografia apresentada como requisito parcial para obtenção do título de Licenciada em Letras, pelo curso de Língua e Literatura Japonesa da Universidade de Brasília.

Orientadora: Prof^a. Dr^a. Kyoko Sekino

BRASÍLIA

2017

Maíra dos Santos Minatogau

**ANÁLISE DA IDENTIFICAÇÃO DE ORAÇÃO ADJETIVA EM LÍNGUA JAPONESA
ATRAVÉS DO PROCESSO DE TRADUÇÃO**

Monografia apresentada como requisito parcial para
obtenção do título de Licenciada em Letras, pelo curso
de Língua e Literatura Japonesa da Universidade de
Brasília.

Orientadora: Prof^a. Dr^a. Kyoko Sekino

Brasília, 30 de Novembro de 2018

BANCA EXAMINADORA

Orientadora: Prof^a. Dr^a. Kyoko Sekino

Examinador: Prof. Dr. Marcus Tanaka de Lira

Examinadora: Prof^a M.^a Camila Regina Pimentel

AGRADECIMENTOS

A meus pais, meus maiores exemplos de vida, pelo incentivo e apoio incondicional durante minha jornada na graduação.

A meus amigos, pela compreensão e apoio constantes.

A meu companheiro, por sempre acreditar em mim.

À minha orientadora, pela oportunidade e apoio na elaboração deste trabalho.

A todos os professores, pela dedicação empenhada durante o curso.

Aos participantes da pesquisa, que foram fundamentais para a realização desta pesquisa.

RESUMO

Este trabalho tem por finalidade verificar a dificuldade na identificação de Orações Adjetivas em língua japonesa, através da análise do processo de tradução, de estudantes falantes de Português Brasileiro. O estudo é fundamentado em conceitos relacionados à Unidade de Tradução e à Micro e Macro Unidade de Tradução pertencente aos trabalhos de Jakobsen (1999), Dragsted (2004), Alves e Vale (2009; 2011), entre outros. O experimento foi realizado com 20 informantes, entre graduados e recém-graduados do curso de Letras-Japonês da Universidade de Brasília (UnB). Os dados foram coletados em três etapas: preenchimento de questionário para verificação de perfil dos informantes; atividade tradutória foi registrada através do Translog; relato do informante sobre suas observações e dificuldades quanto à tradução feita, através do Protocolo Verbal Retrospectivo (PVR). Os dados indicaram que, entre aqueles que identificaram a OA, há tendência a realização de maior esforço cognitivo para a tradução da oração, representados pela segmentação do texto alvo em micro UTs e do tempo utilizado para a tradução da OA em relação ao duração total da atividade.

PALAVRAS-CHAVE: tradução; processo de tradução; oração subordinada adjetiva; unidade de tradução; micro e macro unidade de tradução

ABSTRACT

This work aims to verify the difficulty in the identification of Japanese relative clauses for Brazilian-Portuguese L1 students, through analysis of the translation process. The study is based on concepts related to the Translation Unit and the Micro and Macro Translation Unit developed by Jakobsen (1999), Dragsted (2004), Alves and Vale (2009; 2011), among others. The experiment was carried out with 20 informants, among which there are undergraduate students and graduated students in Japanese Language and Literature program in the University of Brasília (UnB). The data were collected in three stages: filling in a questionnaire to verify the profile of the informants; translation task which was recorded through Translog; the informant's verbal report about his observations and difficulties regarding the translation made through the Retrospective Verbal Protocol (PVR). The data indicated that, among those who identified the relative clause, there is a trend towards greater cognitive effort made in the translation of the relative clause, represented by the segmentation of the target text in micro UTs and the time used to translate relative clause in comparison to the total duration of the translation task.

KEYWORDS: Translation; Translation unit; Relative clauses; Translation process; Micro and macro translation units

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Leitura de dados feita pelo MicroUnitsAPP.....	16
Figura 2 – Segmentação do texto alvo em UTs.....	17
Figura 3 – Exemplo de longa segmentação.....	19
Figura 4 – Exemplo de curta segmentação.....	20

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 – Tradução da Oração Adjetiva.....	24
Tabela 2 – Percentual de Micro UT na OA em relação ao total.....	26
Tabela 3 - Percentual de tempo utilizado na OA em relação ao total.....	29
Tabela 4 - Conhecimento contextual e a interpretação da OA.....	31

LISTA DE GRÁFICO

Gráfico 1 - Relação de Micro UTs feitas na tradução da OA x restante de micro UTs feitas durante a tradução.....	25
Gráfico 2 - Média percentual de micro UT na OA em relação ao número total de Micro UT em cada grupo.....	27
Gráfico 3 - Tempo utilizado na OA em relação ao tempo total de tradução.....	28
Gráfico 4 - Média percentual do tempo utilizado na OA em relação ao tempo total da tarefa.....	29

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO.....	1
1.1. Objetivo Geral.....	2
1.2. Objetivo Específico	2
1.3. Estrutura do Trabalho.....	2
2. REVISÃO DE LITERATURA.....	4
2.1. Diferenças entre as estruturas da língua japonesa e da língua portuguesa.....	4
2.2. Pesquisa de tradução com abordagem processual.....	5
2.3. A unidade de tradução.....	6
2.3.1. A abordagem cognitiva.....	6
2.3.2. A abordagem processual.....	8
2.4. Micro e Macro Unidade de Tradução.....	8
2.5. Valor de Pausa.....	9
3. MÉTODOS.....	11
3.1. Desenho Experimental.....	11
3.2. Texto Fonte.....	12
3.3. Instrumentos para coleta de dados.....	13
3.4. Métodos para coleta e análise de dados.....	14
3.4.1. Métodos para coleta de dados.....	14
3.4.2. Métodos para análise de dados.....	15
3.4.2.1. Métodos para análise de pausas, segmentos e unidades de tradução.....	15
3.4.2.2. Métodos para análise sintática e semântica da Oração Adjetiva.....	21
4. ANÁLISE DOS DADOS.....	23
4.1. Perfil dos informantes.....	23
4.2. Dados coletados a partir do Translog e MicroUnitsAPP.....	24
4.3. Dados coletados a partir do PVR.....	31
5. DISCUSSÕES FINAIS.....	33
6. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	35

1. INTRODUÇÃO

O aprendizado da língua japonesa como língua estrangeira para falantes de língua portuguesa pode ser desafiador devido às grandes diferenças entre os dois sistemas linguísticos, principalmente, nas gramáticas e na peculiaridade do sistema de escrita japonês. Há duas diferenças fundamentais entre as duas línguas que se destacam para os estudantes desde os primeiros contatos com a língua, a ordem das palavras – o Japonês segue o padrão da estrutura frasal em sujeito-objeto-verbo (SOV) – e é uma língua predominantemente aglutinante, enquanto o português é uma língua flexional, cuja ordem de palavras é sujeito-verbo-objeto (SVO) (SHIBATANI, 2009, p. 741).

Nas aulas de Laboratório de Língua Japonesa, disciplina obrigatória do curso de Letras – Japonês da Universidade de Brasília (UnB), que frequentaram durante o primeiro semestre de 2018, foi realizado um trabalho de legendagem de um documentário em Japonês para o Português Brasileiro (PB). A atividade era dividida em várias etapas, transcrição do áudio, tradução do texto e, por fim, o processo de legendagem. Em todas as etapas, os alunos, em um grupo único, discutiam e refletiam sobre as dificuldades encontradas durante a realização das atividades. A etapa de tradução do texto foi a mais extensa e trabalhosa da disciplina. Ao longo da atividade, foram realizadas diversas discussões, em grupos e com a professora responsável pela disciplina, sobre a atividade tradutória, em relação às alternativas e escolhas de tradução, à fidelidade ao texto de partida e às dificuldades encontradas. Deste mesmo modo, por meio desses debates, de dúvidas e de correções, foi possível para os alunos avaliarem seu próprio aprendizado da língua japonesa, e também diagnosticar algumas de suas dificuldades e carências.

Dentre as estruturas problemáticas apontadas nas discussões em grupo, a identificação e compreensão da estrutura das orações adjetivas em língua japonesa pelos estudantes foram percebidas como uma das dificuldades da turma de modo geral. Assim, surgiu a ideia de utilizar o processo de tradução como método para avaliar a dificuldade da identificação e compreensão de estruturas da língua japonesa.

O presente trabalho é uma pesquisa exploratória de cunho laboratorial que tem como objetivo verificar se há dificuldade na identificação de oração subordinada

adjetiva, através da análise qualitativa e quantitativa do processo de tradução, pelos graduandos e recém-graduados do curso de licenciatura em Letras - Japonês da Universidade de Brasília. Ademais, foi feita análise da compreensão semântica do conteúdo da oração analisada. Em razão do tempo limitado para a realização do trabalho, não foi possível analisar outras estruturas.

1. 1. OBJETIVO GERAL

1. Verificar se há dificuldade na identificação de Orações Subordinadas Adjetivas.

1. 2. OBJETIVOS ESPECÍFICOS

1. Observar se há dificuldade na identificação de Orações Subordinadas Adjetivas através do processo de tradução.
2. Identificar se há dificuldade na interpretação do verbo 通じる (*tsuujiru*) através do processo de tradução.

1. 3. ESTRUTURA DO TRABALHO

O presente trabalho foi dividido em seis partes, para melhor visualização das finalidades e objetivos anteriormente apresentados. A primeira parte é a Introdução, em que há a apresentação da justificativa do tema escolhido e das questões levantadas.

Em sequência, há a revisão de literatura, através de sínteses breves e objetivas, que expõe os principais conceitos e ideias utilizados como alicerce para a realização desta pesquisa. Nesta parte, serão destacadas as diferenças gramaticais entre a língua japonesa e portuguesa relevantes ao tema proposto e também entendimentos pertencentes à pesquisa em tradução através da abordagem processual em relação à definição da unidade de tradução.

Na terceira seção, sobre Métodos, serão expostos o desenho experimental preparado, os métodos utilizados para a coleta de dados e para a análise destes

dados, as informações sobre o texto escolhido para a tradução e as demais informações necessárias para a compreensão dos dados coletados.

Na quarta seção, intitulada Análise de Dados, é apresentada a análise feita a partir dos dados coletados, e a verificação dos resultados através de gráficos e tabelas. A quinta seção, Discussões Finais, será feita as observações finais sobre as questões propostas neste trabalho e, por fim, na sexta seção é apresentada a referência bibliográfica utilizada para a realização desta pesquisa.

2. REVISÃO DE LITERATURA

2. 1. DIFERENÇAS ENTRE AS ESTRUTURAS DA LÍNGUA JAPONESA E DA LÍNGUA PORTUGUESA

O aprendizado de línguas estrangeiras (LEs) que possuem grandes diferenças nos sistemas linguísticos – tais como fonética, escrita, gramática – em relação à língua materna (LM) do aprendiz pode ser complexo. O aprendiz, falante de língua portuguesa, que estuda a língua japonesa é enquadrado neste caso, visto que as diferenças entre o japonês e o português são inúmeras. Porquanto as diferenças estruturais entre o PB e o Japonês são extensas, delimitar-se-á este estudo às diferenças sintáticas que concernem às orações subordinadas adjetivas. As orações subordinadas fazem parte do período composto por subordinação, isto é, períodos constituídos por, pelo menos, duas orações que possuem uma relação de dependência entre elas, e exercem uma função sintática em relação à oração principal. No caso das orações subordinadas adjetivas, estas modificam a oração principal e, assim, desempenham a função sintática de adjunto adnominal - os adjuntos adnominais são termos da oração que acompanham e modificam um substantivo, sendo usualmente expressos através de adjetivos e locuções adjetivas (BECHARA, 2015, p. 483-484).

Com base nos estudos de Dryer (2000) entende-se que uma das formas básicas em que uma língua se difere de outra é em relação à ordem de palavras. A língua japonesa tem como padrão de estrutura frasal a ordem sujeito - (objeto indireto) objeto Direto - Verbo (SOV), enquanto no Português a ordem básica é sujeito - verbo - objeto (SVO). Assim como diversas línguas SOV, o Japonês expressa as funções sintáticas dos termos de uma oração através de partículas pospostas aos termos, modificadores precedem o modificado e complementos antecedem o verbo (SHIBATANI, 2009). Na língua portuguesa, ao contrário, a ligação entre elementos de uma frase é manifestada através do uso de preposições, os complementos verbais aparecem após o verbo e os modificadores sucedem o modificado.

Por fim, em relação às orações adjetivas, na língua japonesa, as orações adjetivas precedem o substantivo modificado e não há necessidade de uso de partículas e outros elementos gramaticais para realizar a conexão entre a oração e o

substantivo (SHIBATANI, 2009). Na língua portuguesa, a oração subordinada adjetiva sucede o substantivo que modifica e é introduzida por um pronome relativo.

2. 2. PESQUISA DE TRADUÇÃO COM ABORDAGEM PROCESSUAL

Em meados dos anos 80, surge a abordagem processual nas pesquisas de tradução, cujo objeto de estudo é o processo tradutório em si e o próprio tradutor - como a experiência influencia na velocidade da tradução, por exemplo -, em contrapartida às pesquisas que até então se concentravam apenas no resultado tradutório, isto é, o texto traduzido finalizado (produto). Assim, todas as alterações feitas no decurso da tradução, as soluções provisórias e intermediárias, mas que são supridas no produto final, passaram a ser investigadas. (ALVES; VALLE, 2009; 2011).

As pesquisas sobre o processo de tradução utilizavam como métodos principais o *Think Aloud Protocol (TAP)*, método introspectivo que consiste no tradutor verbalizar o que está pensando no decurso da tradução, e a Observação Direta, que é a observação do tradutor - e todas as ações por ele realizadas durante a tradução, tais como a frequência com que consulta referências, a frequência que faz intervalos, etc - pelo pesquisador (JAKOBSEN, 1999). Ambas as ferramentas são qualitativas, e havia, então, a necessidade de uma análise quantitativa para aprimorar a validade dos resultados, através da análise cruzada dos métodos (triangulação: JAKOBSEN, 1999; ALVES, 2003; HANSEN, 2008).

Assim, o programa Translog emerge como importante ferramenta para a análise quantitativa do processo de tradução, um *software* criado por Jakobsen e Schou (JAKOBSEN, 1999), cuja principal finalidade é registrar as teclas do teclado acionadas pelo usuário em tempo real durante a realização da tradução, com a precisão de milissegundos (JAKOBSEN, 1999). O registro das teclas utilizadas pelo usuário, em tempo real, é conhecido como *key-logging*. A ferramenta oferece uma análise estatística básica, processo linear para a análise posterior.

O registro do Translog, que contém todos os caracteres digitados para produção do texto - mesmo em partes que foram excluídas ou modificadas - e também os movimentos do cursor, dá ao pesquisador acesso ao processo de tradução concreto - uma vez que ainda não é possível verificar o que acontece na mente do tradutor -

e não apenas ao texto final. Além disso, o Translog possui a função de *replay*, que torna possível a visualização do processo de digitação do tradutor como um vídeo (JAKOBSEN, 1999).

Ademais, também foi desenvolvido um rastreador ocular – abordagem metodológica conhecida como *eye-tracking* – que, como o nome ressalta, faz o rastreamento ocular do tradutor durante o desdobramento da tradução, mostrando qual parte do texto, seja do texto fonte ou do alvo, está fixado o olhar do tradutor em tempo real. Assim, combinando dados coletados a partir de diferentes métodos, através de uma análise cruzada, a triangulação, é possível chegar a resultados mais consistentes (ALVES; VALE, 2009).

2. 3. A UNIDADE DE TRADUÇÃO

2. 3. 1. ABORDAGEM COGNITIVA

A área de pesquisa em tradução possui um histórico de estudos que buscam caracterizar e definir a Unidade de Tradução (UT), em relação à natureza e à extensão, a partir de diferentes pontos de vista (ALVES; VALLE, 2009). No estudo de Dragsted (2005), a partir da abordagem cognitiva, a pesquisa sobre as UTs é realizada a partir da ideia de segmentação na tradução e da análise das diferenças na segmentação entre tradutores amadores e profissionais.

A segmentação na tradução é vista por Dragsted (2005) como um fenômeno cognitivo. A Unidade de Tradução é definida como o segmento mais apropriado para estabelecer correspondência entre o texto de origem e o texto alvo (DRAGSTED, 2004, apud ALVES; VALLE, 2009). A extensão e a natureza das UTs serão regidas, assim como qualquer outra tarefa cognitiva, pela capacidade restrita da memória de trabalho (*working memory*). Não há consenso entre os estudiosos sobre a capacidade exata da memória de trabalho, mas usualmente é considerada ser limitada em 3 a 7 elementos de informação (DRAGSTED, 2005).

O estudo de Dragsted (2005) trata a dificuldade como um fenômeno cognitivo, e conjectura-se que itens considerados difíceis demandam mais da memória de trabalho, ou seja, esforço cognitivo, do que os itens fáceis. Isso acontece porque não é possível processar informações novas ao mesmo tempo em que busca solucionar de problemas e, conseqüentemente, no caso da tradução, faz com que o tradutor

foque sua atenção somente naquela parte problemática. (NEWELL; SIMON, 1972:89, apud DRAGSTED, 2005). Por fim, entende-se, que as dificuldades estão relacionadas à pessoa que traduz e o que ela considera difícil - a partir de suas próprias experiências como tradutor e do domínio sob o assunto a ser traduzido -, mas que há elementos ou textos que, independentemente das particularidades de cada tradutor, são mais prováveis de serem avaliados como difíceis.

Dragsted verifica que as dificuldades em relação ao texto de origem influenciam não apenas na velocidade da tradução, mas também na natureza e no tamanho da UT. Como itens difíceis exigem mais da capacidade da memória de trabalho, quando um problema é encontrado, grande parte da memória de trabalho é utilizada e, conseqüentemente, há pouca ou nenhuma capacidade para trabalhar em outros elementos. Por isso, a presença de um item julgado como difícil causará a redução no número de itens de uma UT – a ponto de limitar a uma palavra por UT ou até mesmo não formar um termo inteiro.

Ademais Dragsted verificou diferenças e similaridades em relação ao processo de tradução de estudantes de tradução e profissionais. Quando o texto a ser traduzido é fácil, os profissionais tendem a fazer UTs com mais elementos e também com elementos de nível de complexidade mais elevado, enquanto os aprendizes fazem UTs de menor extensão e com elementos mais simples. Entretanto, quando o texto a ser traduzido possui maior grau de dificuldades, tanto os tradutores profissionais quanto os estudantes de tradução tendem a fazer UTs semelhantes em relação à extensão e à natureza – isto é, segmento sintático (subdividido em: período, oração, frase ou palavra) ou segmento não- sintático.

Por fim, o estudo de Jakobsen (2005) aponta que segmentos mais extensos e complexos configuram características de pico de desempenho do tradutor. Segmentos eram considerados como de auge de desempenho quando havia ao menos sessenta registros de tecla na produção do segmento ou mais de dez palavras. Jakobsen também conclui que esse tipo de segmento ocorre com mais frequência quando o texto é considerado de baixa complexidade para o tradutor.

2. 3. 2. ABORDAGEM PROCESSUAL

Sob a perspectiva da abordagem processual, o estudo de Alves (1995) investiga e apresenta a UT através do foco de atenção do tradutor em determinado momento do processo tradutório. As UTs são definidas como segmentos de texto, de qualquer tamanho ou natureza, localizados entre duas pausas - que são os intervalos de tempo não produtivos. Assim, embora sejam similares, UTs e segmentos de texto não são equivalentes, pois só é possível identificar a UT através da observação da produção de texto alvo que segue foco de atenção do tradutor em determinado momento (ALVES; VALLE, 2009)

Portanto, de acordo com Alves (1995) os segmentos de texto são as partes do texto alvo assim como as UTs, mas estas só podem ser observadas momentaneamente, como o fluxo contínuo de produção até uma pausa, durante o tempo que capturam a atenção do tradutor. O valor dessas pausas ainda não é consenso entre os pesquisadores, pois intervalos muito pequenos poderiam causar a identificação de processos automáticos que não se caracterizam como decisões conscientes - tais como a correção de erros de digitação -, mas intervalos longos não seriam capazes de sugerir o que o tradutor estava pensando ou fazendo (ALVES; VALE, 2009).

2. 4. MICRO E MACRO UNIDADE DE TRADUÇÃO

O estudo de Alves e Vale (2009; 2011) diferenciam dois subtipos de UT, que ocorrem em níveis diferentes, a Micro Unidade de Tradução e a Macro Unidade de Tradução (a partir daqui, micro UT e macro UT, respectivamente), a partir da noção de ritmo cognitivo (SCHILPEROORD, 1996 apud ALVES; VALLE, 2009).

O estudo de Schilperoord (1996) mostra que o ritmo no padrão de pausas na produção de texto contínua possibilita a verificação de padrões recorrentes e movimentos de hierarquias diferentes. Assim, utilizando a noção de ritmo nas pesquisas de tradução orientadas ao processo, com auxílio do Translog e sua função de *replay*, é possível observar a UT passar por diversas transformações. No decorrer da tradução e até sua completa conclusão, o segmento de texto alvo sofre diversas alterações de modo que, ao observar o foco de atenção do tradutor em

determinado segmento do texto fonte, é possível verificar seu desenvolvimento em segmentos de produção de texto alvo (micro UTs) que formam um conjunto (macro UT) de passos feitos durante a produção até a decisão final ser tomada.

Nas pesquisas em tradução com abordagem processual feitas por Alves e Vale (Alves; Vale, 2009, 2011), entende-se que a UT começa com uma pausa para leitura de um segmento do texto fonte registrada pelo Translog, seguida da produção contínua de texto alvo até a próxima pausa - que indica revisão, busca de alternativas, planejamento ou até mesmo a leitura do próximo segmento. Assim, um segmento de texto já traduzido pode ser revisado, ser alterado ou não - através de deleções, substituições, correções, etc - diversas vezes até a finalização do texto alvo. Cada segmento de texto localizado entre duas pausas, desde a primeira tentativa até a última alteração, são considerados micro UTs.

Assim sendo, as micro UT são entendidas como o fluxo de produção do texto alvo - inclusive os momentos de leitura do texto fonte e de revisão - localizado entre pausas, e por isso são análogas a segmentos do texto fonte que capturaram o foco de atenção do tradutor em determinado momento. O conjunto de todas as micro UT envolvidas na tradução de um mesmo segmento do texto fonte forma uma Macro UT.

2. 5. VALOR DE PAUSA

A extensão de tempo que a interrupção na produção de textual deve ter para ser considerada uma pausa ainda não é consenso entre os pesquisadores. Intervalos curtos identificam processos automatizados - isto é, ações que não requerem esforço cognitivo - enquanto intervalos longos não auxiliam na verificação do que o tradutor está fazendo em cada momento, o que está pensando ou qual seu foco de atenção (ALVES; VALE, 2009). Há aqueles também que justificam a personalização desse valor a partir da média da velocidade de digitação do tradutor e do tempo utilizado para a realização da tarefa (Dragsted, 2004 apud Alves; Vale, 2009).

Alves e Vale (2009) verificam que utilizar diferentes valores de pausa, sugere-se 1s, 3s e 5s, identificam diferentes comportamentos processuais, em contrapartida ao valor de 2,4s, usualmente utilizado em pesquisas voltadas à expertise dos tradutores (JAKOBSEN, 2005 apud SEKINO, 2018). De acordo com o estudo de

Alves (2003), a pausa indica a segmentação em UTs e a dificuldade encontrada pelo tradutor. As pesquisas realizadas a partir de análise de dados coletados pelo Translog apontam que o posicionamento da pausa perante o toque da tecla de espaçamento - isto é, se ocorre antes ou depois do espaçamento. O toque de espaçamento é considerado como a finalização de uma unidade de tradução e o início da resolução de um novo problema na atividade tradutória. Assim sendo, pausas que ocorrem antes da tecla de espaçamento indicam revisão sobre a UT que está sendo processada no momento, enquanto pausas depois da tecla de espaçamento refletem o início do processo cognitivo de uma nova UT.

3. MÉTODOS

3. 1. DESENHO EXPERIMENTAL

O experimento foi realizado com a participação de 20 informantes, que formaram um grupo único para a tradução de um mesmo texto, sob as mesmas condições, da língua japonesa (L2) para a língua portuguesa (L1/LM). O registro dos dados foi feito através do programa Translog (JAKOBSEN, 1999) e da observação direta dos informantes durante a realização da tarefa de tradução pelas pesquisadoras. Antes da coleta, os participantes foram informados sobre a pesquisa e como seria o processo de coleta de dados, assinaram um termo de consentimento para a participação e dispuseram de tempo para se familiarizar com o programa utilizado.

A coleta de dados foi realizada em três etapas: questionário, tradução e Protocolo Verbal Retrospectivo (PVR). Primeiramente, foi requerido do participante o preenchimento de um questionário cuja função é verificar o perfil dos participantes - gênero, anos de estudo da língua japonesa, e se o participante possui alguma experiência com tradução. Logo após, a tradução era realizada pelo informante conjuntamente com o registro do processo de tradução e do produto final, através do programa Translog. Imediatamente após a tradução, por intermédio da técnica PVR (ALVES; GONÇALVES, 2013; SEKINO, 2015), em que o informante verbaliza suas reflexões e observações sobre seu próprio processo de tradução. O áudio da entrevista foi gravado através de um aplicativo de *smartphone* para evitar perda de informações. Durante o processo de tradução, foi vetado o uso de qualquer tipo de serviço de tradução automatizada, como o *Google Tradutor*, e de qualquer outra fonte que não fosse previamente fornecida aos participantes. Além disso, devido à escassez de dicionários seguros *on-line* Japonês-Português, os participantes receberam um glossário feito a partir do dicionário Michaelis Japonês - Português. Os dicionários não foram entregues diretamente aos participantes e não houve limitação de tempo para a tradução do texto.

3. 2. TEXTO FONTE

Os critérios para escolha do texto fonte para o experimento de tradução foram as estruturas e os tipos de orações presentes no trecho a fim de verificar as hipóteses propostas, a dificuldade mediana das sentenças e a extensão apropriada ao tempo disponível para a realização da tradução pelos participantes.

O texto fonte é um trecho de um texto oral - isto é, o texto foi extraído da fala de um locutor -, retirado do programa *100分de名著 - 旧約聖書 – Obras primas em 100 minutos – O Antigo Testamento*, da emissora pública japonesa NHK, transmitido durante o mês de Maio em 2014. O texto trata sobre a visão bíblica do surgimento das diferentes línguas e de diferentes povos, mito conhecido como a Torre de Babel.

TEXTO FONTE:

バベルの塔

言葉が通じなくなった人々は、この町の建設をやめ、各地に散っていきました。やがてこの街は、神が言葉を混乱させた、という意味から、バベルと呼ばれるようになりました。

TRADUÇÃO EM PORTUGUÊS BRASILEIRO DO TEXTO FONTE:

As pessoas que não conseguiam mais se comunicar pararam a construção dessa cidade e se espalharam por vários lugares. No fim, essa cidade veio a ser chamada de Babel, porque Deus causou a confusão das línguas (tradução nossa).

TRECHO A SER ANALISADO:

言葉 が 通じなくなった 人々 は
(idiomas, palavras) GA (passar-neg-passado) (pessoas) tópico

A oração a ser analisada, 言葉が通じなくなった人々は, possui a estrutura sintática da oração adjetiva e, além disso, a presença de um verbo 通じる que não possui um verbo equivalente em PB, o que pode tornar sua tradução mais complexa.

A ferramenta *jReadability*¹ - um sistema de medição do nível de legibilidade de textos em japonês - foi utilizada a fim de verificar o nível de dificuldade do texto fonte integral. O texto foi avaliado como de dificuldade intermediária-inferior, mas ressalta-se que essa ferramenta foi planejada para a análise de textos com extensão de 500 a 1000 caracteres, e textos com extensão inferior podem apresentar uma avaliação menos precisa. O texto fonte possui 88 caracteres - incluindo espaços em branco e pontuação -, e a oração adjetiva possui 14 caracteres, representando, portanto, 15,90% do texto.

3. 3. INSTRUMENTOS PARA COLETA DE DADOS

A atividade de tradução, a fim de coletar dados do processo tradutório, foi feita no programa Translog-II², e imediatamente após a tradução os informantes relatavam sua experiência através do protocolo verbal retrospectivo.

TRANSLOG

Translog-II, idealizado por Jackobsen (1999), é um importante instrumento para pesquisas voltadas ao processo tradutório. O *software* possui duas modalidades: *Supervisor* (Supervisor) e *User* (Usuário). A modalidade de supervisor é voltada para o controle do pesquisador, pois permite a criação do projeto de tradução e, através da função *replay*, a reprodução do processo registrado pelos usuários. A modalidade *User* realiza a gravação do processo do tradutório feita pelos informantes.

Nesta pesquisa foi utilizada a versão Translog-II, de 2011. O aplicativo está disponível para download no sítio eletrônico do Centro de Pesquisa e Inovação em Tecnologia de Tradução e Tradução (Center for Research and Innovation in Translation and Translation Technology in Copenhagen Business School).

¹ <http://jreadability.org>

² <https://sites.google.com/site/centretranslationinnovation/translog-ii>

MICROUNITSAPP

O aplicativo MicroUnitsAPP³ foi utilizado para fazer a leitura dos dados registrados pelo Translog e transformá-los em representações lineares. A partir do valor de pausa escolhido, o programa realiza a análise das pausas através dos arquivos XML16 gerados pelo translog. O programa foi desenvolvido na Universidade Federal de Uberlândia (UFU), em 2014, supervisionado pelo Prof. Dr. Igor Lourenço da Silva, e está disponível para *download* na plataforma *GitHub*.

PROTOCOLO VERBAL RETROSPECTIVO (PVR)

Imediatamente após a conclusão do processo tradutório, os informantes eram inquiridos sobre suas observações e reflexões sobre a própria atividade tradutória e também se possuíam conhecimento prévio sobre a história a ser traduzida. A fim de não induzir a nenhuma resposta, as perguntas tratavam sobre as dificuldades do texto todo e não apenas da oração a ser analisada. As respostas foram registradas através de um aplicativo de gravação de áudio de um *smartphone*.

3. 4 MÉTODOS PARA COLETA E ANÁLISE DE DADOS

3. 4. 1. MÉTODOS PARA COLETA DE DADOS

Através de uma planilha compartilhada pela plataforma *Google Drive*, os informantes marcaram uma data e horário para realização do experimento de acordo com sua preferência. A coleta de dados foi feita em três semanas, sendo que o experimento-piloto - executado a fim de verificar possíveis erros e alterações necessárias nas três etapas da coleta de dados para o melhor aproveitamento dos dados - ocorreu no dia 18/09 e que o último informante participou da pesquisa no dia 05/10. O experimento foi realizado integralmente em uma sala de professor, localizada no departamento de Línguas Estrangeiras e Tradução (LET) da Universidade de Brasília - UnB.

A coleta da tradução foi feita através do programa Translog II - versão baixada no dia 04/09/2018 - utilizando o computador com o sistema de Windows 10

³ <https://github.com/gabrieleduardo/MicroUnits>

Pro instalado em um computador DELL com 500 GB de memória, e também através da observação direta dos participantes durante a tradução pelas pesquisadoras a fim de verificar a linguagem corporal e capturar eventuais pensamentos “em voz alta” que fossem relevantes para a pesquisa. Imediatamente após a tradução, através do método Protocolo Verbal Retrospectivo (PVR) (ALVES; GONÇALVES, 2013; SEKINO, 2015), os informantes verbalizaram para as pesquisadoras suas reflexões sobre seu processo tradutório, e estes relatos foram registrados em arquivos de áudio.

As perguntas feitas para os informantes foram:

- a) você conhecia a história da Torre de Babel?
- b) Há alguma parte em que houve maior dificuldade para tradução?
- c) Relate o que chamou sua atenção durante o processo tradutório.

3. 4. 2. MÉTODOS PARA ANÁLISE DE DADOS

3. 4. 2. 1. MÉTODOS PARA ANÁLISE DE PAUSAS, SEGMENTOS E UNIDADES DE TRADUÇÃO

A partir dos dados coletados pelo Translog, foi utilizado o aplicativo *MicroUnitsAPP*, desenvolvido na Universidade Federal de Uberlândia em 2014, para fazer a representação linear dos dados do processo de tradução. O programa realiza dois tipos de leitura, a primeira apresenta todas as ações feitas pelos usuários – como digitação, correção, dar espaço, pular linha, etc - e as pausas que ocorreram durante o processo, com a duração de tempo de cada uma em milissegundos. A segunda leitura mostra a segmentação do texto alvo, indicando as micro UTs como a produção contínua de texto entre duas pausas, e o tempo acumulado em que cada nova fase de produção de texto começa.

Figura 2 – Segmentação do Texto Alvo em UTs

1	(7594)A torre de (10469)
2	(10469)Ba(11484)
3	(11484)bel(14875)
4	(14875)[Return][Return](21984)
5	(21984)As(22937)
6	(22937) pesso(26187)
7	(26187)as(36406)
8	(36406) que(47297)
9	(47297) n(48453)
10	(48453)ã(49140)
11	(49140)o(50594)
12	(50594) (72406)
13	(72406)conseguiam se (75265)
14	(75265)comunica(82625)
15	(82625)r(88890)
16	(88890)← (89406)
17	(89406)←←←←←←←←←←←←←←←← (91078)
18	(91078)mais(96812)
19	(96812)→ (97312)
20	(97312)→→→→→→→→→→→→→→→→ (101922)
21	(101922) (106890)
22	(106890)pa(107844)
23	(107844)ra(110140)
24	(110140)r(110859)
25	(110859)am(111812)
26	(111812) a (114687)
27	(114687)construçã(119219)
28	(119219)o(120687)

(exemplo retirado da tradução do informante p19)

A figura acima exemplifica a segunda forma de leitura que o programa MicroUnitsAPP, a segmentação do texto em unidades de tradução correspondentes às micro UTs, e representa a segmentação apenas do início da tradução do informante. Cada segmento representa uma micro UT, localizada entre duas pausas. O primeiro valor entre parênteses, em cada segmento, representa o momento exato, em milissegundos, que o tradutor começou a produção de texto alvo concretamente - isto é, a digitar o que estava em sua mente - e o último valor entre parentes indica o tempo em que o fluxo de produção termina. Ressalta-se que esta segmentação engloba o tempo em que o tradutor utilizou digitando e também a pausa final, para iniciar uma nova leitura de texto fonte e/ou revisar a produção. Assim sendo, os valores finais de um segmento e os iniciais do próximo segmento são equivalentes

porque a nova micro UT começa após a pausa final da última UT, isto é, no momento de nova produção a partir da digitação.

No exemplo da Figura 2, a primeira micro UT começou aos 7594ms, aproximadamente 7,5 segundos após o início do registro da tradução feito no Translog. Isso aponta que o tradutor utilizou apenas esse intervalo para fazer a leitura e começar a digitar a tradução. A produção da segunda micro UT iniciou-se em 10469ms, e a diferença entre os dois valores representa a duração da produção da primeira micro UT.

Com auxílio da função *replay* do Translog, foi agrupado todas as micro UTs pertencentes a Macro UT que corresponde a aquela oração subordinada adjetiva em questão. As micro UTs que eram compostas apenas do movimento das setas dos teclados, mesmo se estivessem localizadas entre duas micros UTs pertencentes a macro UT da OA, não foram consideradas como micro UT pertencente a OA, uma vez que não há como verificar que estava sendo feito esforço cognitivo em relação a tradução da OA. Entretanto, as micro UTs compostas somente por movimento de setas, cuja intenção de movimento originou alterações em uma parte do texto alvo que contém OA, eram contabilizadas no cálculo do tempo utilizado na OA, por que o tempo foi utilizado em uma ação com intenção de alteração de texto.

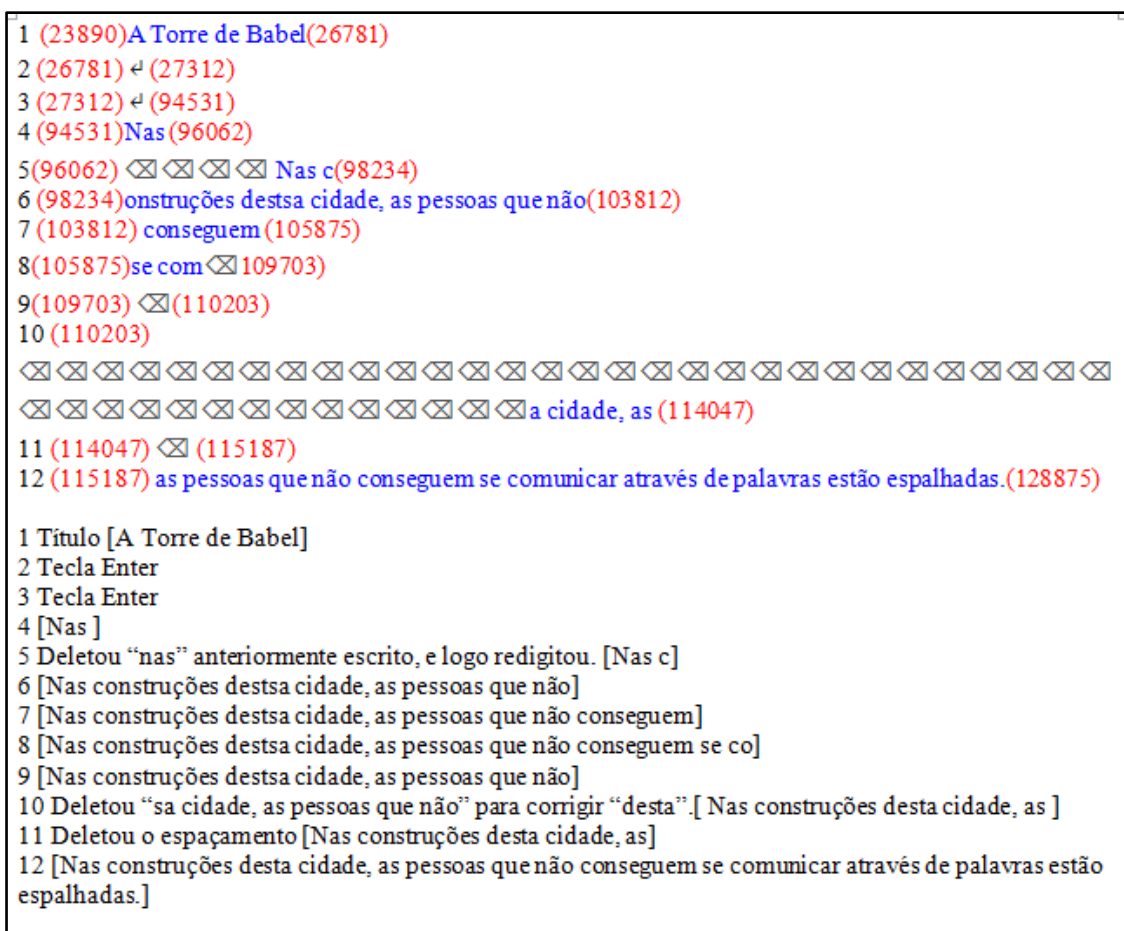
Assim, no caso exemplificado na Figura 2, as micro UTs que formam a macro UT da AO, que estão marcadas na figura, são as micros UTs de 5 à 15 e 18. As micro UTs 16 e 17, que estão circuladas na figura, que são compostas somente por movimentos de setas, não fizeram parte da contagem de micro UT em relação a OA, mas foram inseridas na contagem do tempo devido a intenção do movimento ser adicionar uma nova palavra a OA.

O aplicativo MicroUnitsAPP faz a análise das pausas a partir do valor mínimo desejado pelo usuário. Para esta pesquisa, o valor das pausas escolhido de 500ms – ou meio segundo - foi uma decisão especulativa, tendo em vista em que não há rastreamento ocular disponível para auxiliar a identificação do foco de atenção do tradutor, optou-se por uma pausa menor a fim de minuciosamente avaliar o processo tradutório dos informantes.

Assim, a partir destas representações lineares, é possível verificar a extensão dos segmentos e das pausas a fim de estabelecer se houve maior ou menor dificuldade cognitiva na tradução de cada unidade de tradução. Segmentos curtos –

formados por uma palavra ou menor – demonstram dificuldade cognitiva para a resolução do problema, enquanto segmentos extensos sugerem que o tradutor não encontrou obstáculos durante a tradução.

Figura 3 – Exemplo de longa segmentação



(exemplo retirado da tradução do informante P15)

A Figura 3 representa a análise linear do Translog de um informante cuja tradução possui um trecho considerado de alto desempenho. Há doze micro UTs na figura, que representam o início do processo de tradução do informante e também sua primeira tentativa de tradução da OA. A micro UT 12 é de longa extensão, totalizando 79 caracteres, contabilizando espaços e pontuação. Segmentações de longa extensão de alguns informantes, que não registraram pausas maiores do que 500ms durante a produção textual, indicam que quando as decisões são tomadas e formuladas previamente na mente, o trecho é digitado com fluidez. Estes dados,

portanto, sugerem que este informante não encontrou obstáculos na tradução correspondente à micro 12.

Figura 4 – Exemplo de curta segmentação (P15)

(204734) <u>pe</u> soas q(207078)	
(207078) <u>u</u> (208375)	[pessoas <u>qu</u>]
(208375) ☒ (208875)	[deletou “u”]
(208875) ☒ ☒ ☒ ☒ ☒ ☒ ☒ ☒ ☒ (210625)	[deletou “pessoas q”]
(210625) <u>P</u> esso(212500)	
(212500) <u>as</u> (439515)	
(439515) <u>que</u> (448172)	
(448172) <u>n</u> (450515)	
(450515) <u>ão eram</u> (494500)	[Pessoas que não eram]
(494500) ☒ ☒ ☒ ☒ ☒ (573109)	[deletou “eram”]
(573109) <u>compree</u> (575093)	
(575093) <u>ndiam</u> (585312)	
(585312) <u>as</u> (588984)	[Pessoas que não compreendiam as]
(588984) ☒☒☒(595578)	[Deletou “as”]
(595578) <u>pa</u> (596656)	
(596656) <u>lavr</u> (600281)	
(600281) <u>a</u> (600968)	
(600968) <u>s</u> (610172)	
(610172) , (615328)	[Pessoas que não compreendiam palavras,]
(615328) ☒☒(616390)	
(616390) ☒ (616890)	
(616890) ☒ ☒ ☒ ☒ ☒ ☒ ☒ (618406)	[Deletou “palavras.”]
(618406) <u>as palavr</u> (620750)	
(620750) <u>as</u> (623593)	[Pessoas que não compreendiam as palavras]
(623593) ☒ (624093)	
(624093) ☒ ☒ ☒ ☒ ☒ ☒ ☒ ☒ ☒ ☒ (625640)	[Deletou “as palavras”]
(625640) <u>palavras</u> .(627797)	[Pessoas que não compreendiam palavras]
(627797) (644718)	
(644718) ← <u>As</u> (646968)	[Inseriu “as” antes de pessoas]
(646968) → (650968)	
(650968) ☒ (652078)	
(652078) <u>p</u> (656265)	[Corrigiu “Pessoas” para “pessoas”]
(656265) <u>a</u> (660047)	
(660047) <u>s</u> (676218)	[Adicionou “as” antes de “palavras”]
(676218) <u>os idiomas</u> (683187)	[Selecionou “ <u>aspalavras</u> ” e subst. “os idiomas”]
(683187) ☒ (683687)	
(683687) ☒ ☒ ☒ ☒ ☒ ☒ (684718)	
(684718) ☒ ☒ (685437)	
(685437) ☒ <u>a</u> (686562)	[Deletou “os idiomas”]
(686562) <u>s</u> (687828)	
(687828) (688359)	
(688359) <u>palavra</u> (692093)	
(692093) <u>s</u> (693500)	[Adcionou “as palavras”]
	[As pessoas que não entendiam as palavras]

A Figura 4 acima representa um exemplo de trecho com micro UTs de curta segmentação, produzidas pelo informante P1. Os dados sugerem que o informante ainda não tinha tomado a decisão final sobre a sua tradução quando começou a produção textual. A hesitação do informante ao momento de digitar indica que ainda havia esforço cognitivo – por exemplo, através da busca de alternativas de tradução

– o que gerava atraso na velocidade de digitar. O informante está passando por um momento de processamento cognitivo pesado e, por isso, a memória de trabalho (*working memory*) não consegue processar informações bilíngues, devido ou à falta de conhecimento do informante ou à presença de elementos de alta complexidade no trecho.

3.4.2.2. MÉTODOS PARA ANÁLISE SINTÁTICA E SEMÂNTICA DA OA

Os critérios utilizados para análise sintática da identificação da Oração Adjetiva são a correção gramatical do sujeito da oração principal – em português, “(as) pessoas” – e que a OA fosse introduzida por um pronome relativo – norma gramatical do português padrão. Uma vez que a função da OA é modificar o termo, no caso o sujeito da oração principal, a ausência do pronome relativo tornaria a oração adjetiva em uma oração independente (coordenada). Essa diferença pode ser percebida nas construções a seguir:

P8 – As pessoas que não entendiam umas às outras (...)

P9- As pessoas passaram a não entender umas às outras (...)

Apesar da similaridade na interpretação das duas, a tradução de P8 modifica “pessoas”, determinando que a ação seguinte aconteça restritamente às “pessoas que não entendiam umas às outras”. P9, por sua vez, apresenta uma sequência de ações: pessoas passaram a não entender e, então, acontece a ação seguinte.

Para a análise da compreensão semântica, a correção da estrutura sintática foi ignorada. Assim, a análise foi feita sobre a compreensão da expressão *kotoba ga tsuujiru*, que não possui léxico correspondente em PB, que concorde com estrutura e significado conjuntamente. Conforme verificado em dicionários, o verbo *tsuujiru* tem o significado abstrato de “passar”, mas em determinadas situações é necessário maior esforço cognitivo para a tradução em língua portuguesa. O tradutor deve priorizar o significado em PB em detrimento da forma estrutural da língua do texto fonte.

Assim, a tradução, sob a análise semântica, tem maior liberdade, desde que assegure a ideia de que as pessoas não conseguiam mais entender umas às outras através da linguagem. Ademais, *kotoba* possui dois significados distintos em português, podendo ser entendido como língua ou palavra. Assim, a escolha entre

as opções pode ter sido influenciada pelo conhecimento prévio da história da Torre de Babel, que trata sobre a origem das línguas e dos povos.

4. ANÁLISE DE DADOS

4. 1. PERFIL DOS INFORMANTES

Todos os informantes são falantes nativos da língua portuguesa brasileira, sendo um informante bilíngue japonês-português⁴. O tempo de estudo da língua japonesa variou de três anos a onze anos, e a média geral foi de cinco anos e seis meses. Metades dos informantes não possuem certificado do exame de proficiência em língua japonesa (JLPT), e o restante do grupo é composto por seis participantes com certificado do nível N3, mais dois informantes com nível N2 e outros dois com nível N1. O grupo de informantes é formado por dezesseis graduandos, no mínimo no 5º semestre do curso, e quatro recém-graduados. A coleta contou com a participação de catorze informantes do sexo masculino e seis do sexo feminino.

Em relação ao aprendizado da língua japonesa, foi questionada qual é habilidade mais exercitada pelos informantes. A maioria do grupo, um total de doze informantes, revelou praticar mais a compreensão oral. Produções orais e escritas foram escolhidas por três informantes cada, restando, assim, a habilidade de leitura como a competência menos trabalhada, escolhida por apenas dois informantes. Como esperado, todos os informantes utilizam a língua japonesa na faculdade, e sete deles somente neste ambiente. Trabalho foi a segunda maior escolha, com seis informantes. Demais locais de uso apontados foram programas de mensagem instantânea, redes sociais e escolas de idioma. *Animes*, música, mangás e artigos de website são os principais meios de contato dos informantes com a língua japonesa, seguido de *doramas* (ドラマ), livros e noticiários e documentários de televisão.

Na área de tradução, dezessete informantes relataram ter experiência amadora com a tradução do japonês para o português ou para o inglês, porém com graus variados entre si. Há relatos que variam de tradução de trechos de músicas e mangás à tradução de dissertação de mestrado. Ademais, havia três informantes que não possuem nenhuma experiência com tradução e um informante com experiência profissional na tradução do inglês para o português.

⁴ O informante bilíngue foi alfabetizado no Japão até os oito anos, quando veio morar no Brasil e foi alfabetizado em língua portuguesa. Sendo assim, a distinção de L1/L2 do informante é ambígua.

4. 2. DADOS COLETADOS A PARTIR DO TRANSLOG E MICROUNITS APP

A tabela abaixo apresenta a tradução final do trecho correspondente a Oração Adjetiva (a partir daqui, OA) feita por cada informante.

Tabela 1 - Tradução da Oração Adjetiva

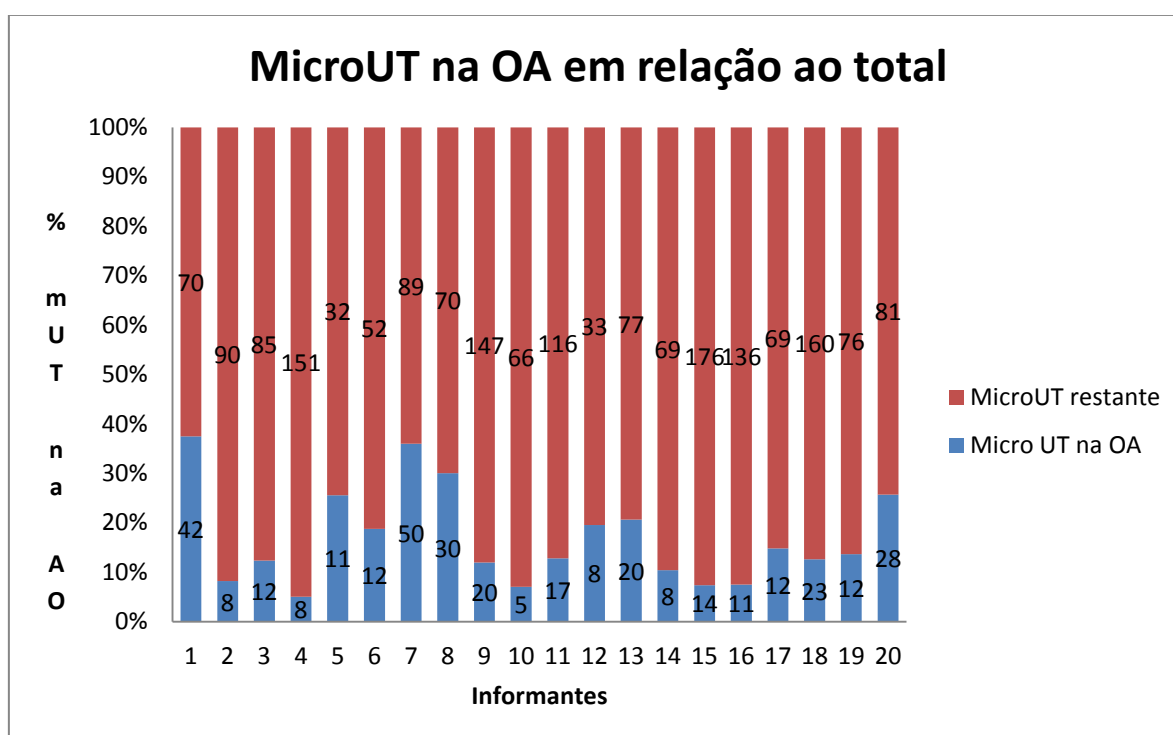
Informante	Tradução da oração adjetiva	Identificação da OA ¹
P1	As pessoas que não compreendiam as palavras	Sim
P2	As pessoas deixaram de entender as palavras	Não
P3	As pessoas que não mais se comunicavam	Sim
P4	Não consigo compreender as palavras das pessoas	Não
P5	As pessoas cujas palavras não podiam mais comunicar	Sim
P6	As pessoas que não conseguiam se comunicar	Sim
P7	As pessoas que não entendiam a palavras,	Sim
P8	, as pessoas que não entendiam umas às outras	Sim
P9	As pessoas passaram a não entender umas às outras	Não
P10	As palavras não eram utilizadas para a comunicação entre pessoas	Não
P11	O vocabulário que não foi passado a uma população	Não
P12	As pessoas, que não conseguiam mais se comunicar através de palavras,	Sim
P13	AS PESSOAS QUE NÃO COMPREENDIAM ALGUM IDIOMA,	Sim
P14	As pessoas que não entenderam as palavras divinas	Sim
P15	(...) pessoas que se tornaram incapazes de se comunicar através de palavras	Sim
P16	As pessoas que perderam a ligação das palavras	Sim
P17	Pessoas que não compreendiam perfeitamente as palavras	Sim
P18	Pessoas que não compreenderam as palavras,	Sim
P19	As pessoas que não conseguiam mais se comunicar	Sim
P20	as pessoas que não se compreendiam	Sim

As OAs em japonês foram consideradas como corretamente identificadas caso a tradução em língua portuguesa também fosse uma OA – isto é, uma oração que modifica o *termo* que sucede, sendo introduzida por um pronome relativo – e mantivesse a equivalência do sujeito gramatical. Assim, sentenças como a feita por P2, mesmo que tenham semelhanças no significado, não podem ser consideradas como uma oração adjetiva sem o pronome relativo “que”. As orações adjetivas restringem ou especificam o termo que modificam, e sem o pronome relativo, a

oração torna-se apenas uma oração independente, parte de uma sequência de ações. A partir destes critérios, foi verificado que quinze informantes identificaram a OA, o que equivale a 75% do total.

A quantidade de Micro UTs feitas para a elaboração da OA foi comparada a quantidade total de Micro UTs feitas durante todo o processo de tradução. A partir das representações lineares feitas pelo MicroUnitsAPP e da visualização do processo de tradução através da função *replay* do Translog foi possível analisar cada micro UT – ou seja, segmento de texto produzido entre dois intervalos de pausa – e à qual Macro UT - conjunto de micro UTs que acompanham o foco de atenção do tradutor em um mesmo segmento do texto fonte - pertencia.

Gráfico 1 – Relação de Micro UTs feitas na tradução da OA em relação ao total de micro UTs feitas durante a tradução



O Gráfico 1 representa a quantidade de micro UTs na OA, a quantidade de micro UTs no restante do texto e o percentual entre o número utilizado na OA e no total da produção. Verificou-se que a menor quantidade percentual de Micro UT feita foi de 5,03%, feita por P4, e a maior de 37,5%, por P1. Além disso, constatou-se que

a média dos informantes foi de 16,86% de micro UT na OA. Abaixo há uma tabela apresentando o percentual específico de cada informante:

Tabela 2 – Percentual de Micro UT na OA em relação à quantidade total

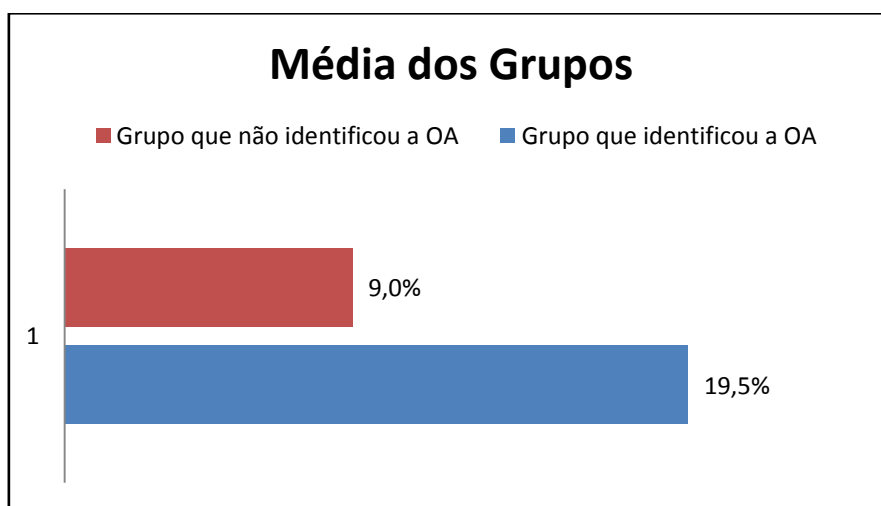
Informante	Percentual de Micro UT na OA
P1	37,50%
P2	8,16%
P3	12,37%
P4	5,03%
P5	25,58%
P6	18,75%
P7	35,97%
P8	30,00%
P9	11,98%
P10	7,04%
P11	12,78%
P12	19,52%
P13	20,62%
P14	10,38%
P15	7,37%
P16	7,49%
P17	14,81%
P18	12,57%
P19	13,64%
P20	25,69%
Média	16,86%

A partir desses dados, os informantes foram divididos em dois grupos: os que identificaram a OA (Grupo S) e os que não a identificaram (Grupo N), como analisado na *Tabela 1*. Na *Tabela 2* os informantes destacados em azul representam o Grupo N - que não conseguiu identificar a OA. Prontamente, verificou-se que no Grupo N todos utilizaram menor quantidade percentual de micro UT na OA, ficando abaixo da média geral.

Os informantes que não identificaram a OA possuem uma média percentual menor de Micro UT na OA do que a média geral e também do que a média específica do grupo que a identificou. Assim sendo, os dados sugerem que os informantes do Grupo N dispuseram de menos atenção e/ou tempo no processo de tradução da OA. Isto pode ter ocorrido por causa de uma leitura menos cuidadosa

do texto fonte, por falta de revisão, por falta de tentativas realizadas antes da tomada de decisão final ou mesmo por falta de compreensão desta estrutura sintática – isto é, possivelmente não compreenderam o texto fonte, mas logo seguiram adiante com o restante da tradução. Além disso, a maior segmentação da OA pelo grupo S indica que mesmo aqueles que identificaram a OA realizaram maior esforço cognitivo para traduzi-la.

Gráfico 2 – Média percentual de micro UT na OA em relação ao número total de Micro UT em cada grupo

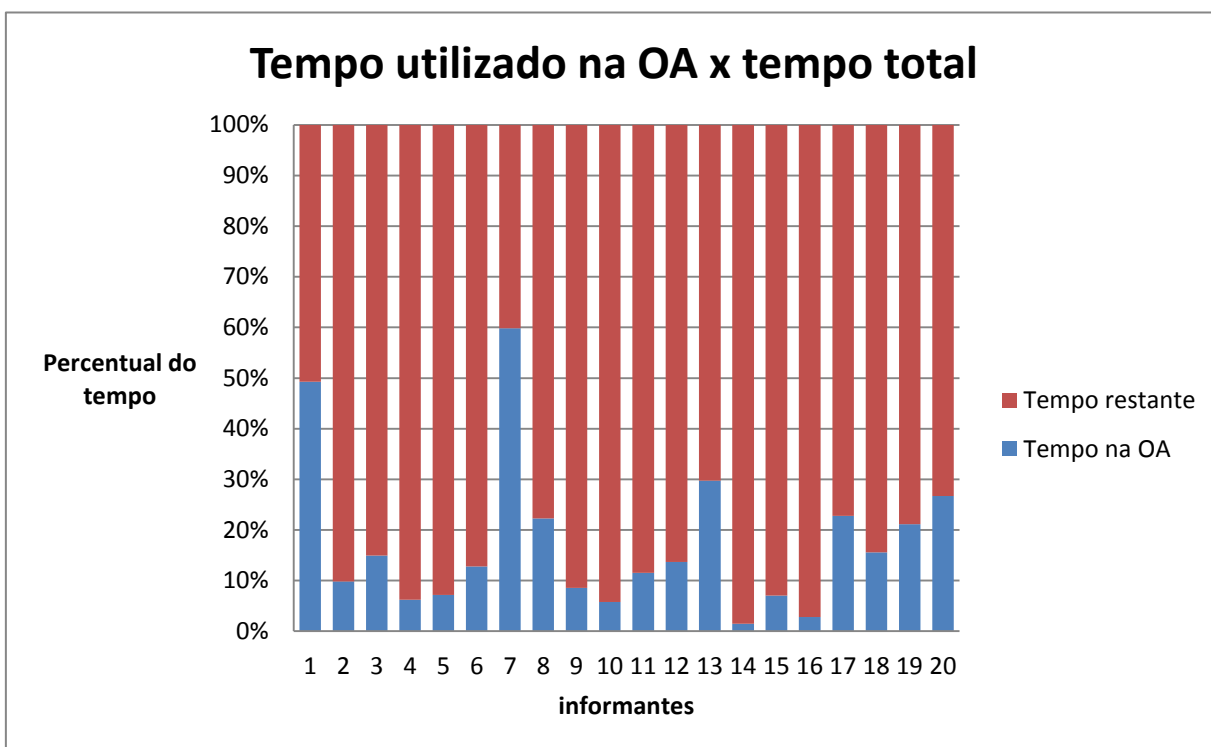


Para uma análise mais aprofundada, foram feitas as mesmas análises em relação ao tempo utilizado pelos informantes na OA, em relação ao tempo total para completar o processo tradutório. Os intervalos de tempo das micro UTs envolvidas na OA foram somados e comparados ao tempo total da tradução. Micro UTs que eram compostas apenas de movimento seta, mas estivessem intercaladas com Micro UTs na sequência temporal, foram consideradas para a soma do tempo acumulado para a tradução da OA. É importante ressaltar que mesmo traduções consideradas como incorretas em relação à sintática ou à semântica foram consideradas, visto que o objetivo é a análise do processo de tradução e não do resultado final.

Os resultados mostraram grande diferença entre o tempo utilizado pelos informantes. O informante P7, por exemplo, utilizou mais da metade do tempo do seu processo de tradução na OA, enquanto P14 quase não dedicou tempo à

tradução da OA. O intervalo de tempo maior utilizado para a elaboração da tradução adjetiva indica que os informantes despenderam esforço cognitivo em tarefas tais como de leitura e releitura do texto fonte, de escolha de alternativas de tradução de revisão do texto produzido, ou seja, processamento de informações para uma melhor compreensão. Os informantes que gastaram menos tempo indicam que não reconheceram estruturas problemáticas – seja por domínio da língua ou pela falta desta – e não realizaram tantas alterações no texto alvo. O Gráfico 3 apresenta a relação de tempo utilizado na OA e o tempo para a tradução do restante do texto fonte.

Gráfico 3 – Tempo utilizado na OA em relação ao tempo total de tradução



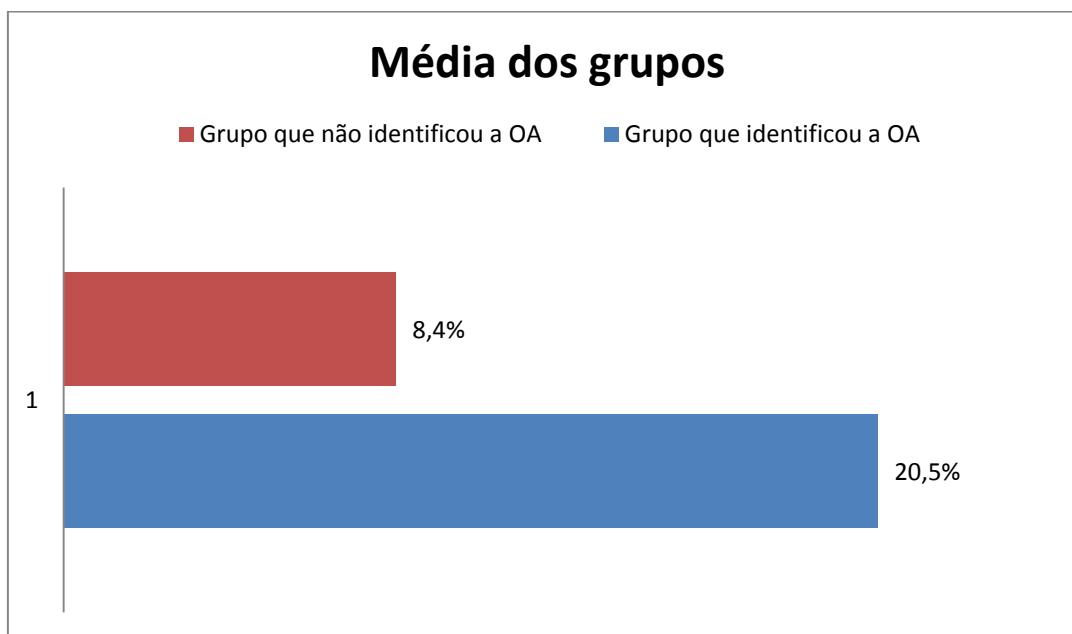
A média percentual de tempo utilizado na OA de cada informante foi especificada na tabela abaixo. Assim, foi possível ver o valor mínimo de 1,50% do tempo, o valor máximo de 59,85% e a média dos informantes de 17,45% do tempo.

Tabela 3 – Percentual de tempo utilizado na OA em relação ao total

Informante	Percentual de tempo utilizado na OA
P1	49,30%
P2	9,80%
P3	14,92%
P4	6,24%
P5	7,17%
P6	12,78%
P7	59,85%
P8	22,28%
P9	8,53%
P10	5,76%
P11	11,52%
P12	13,70%
P13	29,75%
P14	1,50%
P15	7,02%
P16	2,82%
P17	22,79%
P18	15,58%
P19	21,12%
P20	26,71%
Média	17,45%

Ademais, os informantes destacados em azul são aqueles que foram o grupo N – grupo que não identificou a OA – e o restante forma o grupo S – grupo que identificou a OA. Assim, recalculou-se a média de tempo utilizado pelos dois grupos e a diferença entre os dois grupos é expressiva. Como mostra o Gráfico 4, a média do grupo N foi de 8,43%, enquanto o grupo S registrou média duas vezes maior que o primeiro, e que representa um quinto do tempo total do processo de tradução, de 20,48%. Entretanto, após a realização de testes estatísticos utilizando o modelo de Wilcoxon pareado, a diferença encontrada não é significativa ($V(4) = 1, p = ns$), ao contrário da nossa expectativa. Isso provavelmente ocorreu devido à grande variação de tempo ocupado no grupo S ($M = 20,48, SD = 16,27$) e entre o perfil de seus informantes. As pessoas do grupo S apresentaram comportamentos demasiadamente variados, o que impossibilita a identificação de tendências.

Gráfico 4 – Média percentual do tempo utilizado na OA em relação ao tempo total da tarefa



A partir desses dados, verificam-se comportamentos distintos nos participantes. Os informantes P5, P14, P15, P16 identificaram a OA e o tempo utilizado para a tradução do trecho, menor que 8% do total, sugere que é uma ação automatizada ou sem muito esforço cognitivo, enquanto P1, P7, P8 e P17, que também identificaram a OA, levaram mais tempo na produção textual, entre 30% a 60% aproximadamente, indicando a realização de maior esforço cognitivo. Em ambos os casos, os participantes possuem competência linguística para a tradução da OA, mas os primeiros já reagiram rapidamente na identificação, na compreensão e na tradução desta estrutura, enquanto os outros precisam realizar maior esforço cognitivo durante o processo de tradução. Esses dados são reforçados a partir da verificação do perfil dos informantes, pois em relação ao grupo que utilizou menos tempo na tradução da OA, o tempo de estudo de japonês como LE é, em média, de 5,3 anos, enquanto o segundo grupo estuda, em média, há 3,6 anos.

Por fim, P2, P4, P9, P10 e P11 representam aqueles que não identificaram a OA, seja por desatenção na leitura do texto fonte ou por falta de domínio da língua estrangeira. Os perfis destes alunos são variados, o tempo de estudo é entre 3,5 a 8 anos, e a média é de 5,3 anos. Assim, possivelmente, há motivos variados para a não identificação da OA entre estes informantes.

Ademais, de forma generalizada, os dados indicam que os informantes do grupo N fizeram menos esforço cognitivo – através de tentativas, correções, alterações e revisões – do que o grupo S. Ademais, o grupo que identificou a oração, portanto, gastou mais tempo no processo de elaboração da OA em língua portuguesa. Isso pode ser uma indicação de que a OA requereu maior esforço cognitivo.

4.3 DADOS COLETADOS A PARTIR DO PVR

A tabela abaixo mostra o resultado da análise da interpretação do conteúdo da OA, e também, partir do PVR, quais alunos conheciam previamente a história da Torre de Babel:

Tabela 4 - Conhecimento contextual e a interpretação da OA

Informante	Interpretação correta da OA	Contexto
P1	Não	Sim
P2	Não	Não
P3	Sim	Não
P4	Não	Não
P5	Não	Sim
P6	Sim	Sim
P7	Não	Não
P8	Sim	Sim
P9	Sim	Sim
P10	Não	Não
P11	Não	Não
P12	Sim	Sim
P13	Não	Sim
P14	Não	Não
P15	Sim	Não
P16	Não	Não
P17	Não	Sim
P18	Não	Não
P19	Sim	Sim
P20	Sim	Sim

A análise semântica identificou 8 informantes – o que equivale a 40% do total - que compreenderam integralmente o sentido da oração adjetiva. A interpretação da expressão *kotoba ga tsuujiru* é complexa devido à ausência de léxico

correspondente, em relação a concordância sintática e semântica ao mesmo tempo, em PB. Assim, a busca de uma alternativa de tradução requer maior esforço cognitivo. Além disso, *kotoba*, apesar de ser uma palavra comum e usual para estudantes da língua japonesa, torna-se um obstáculo durante a tradução por ter duas alternativas em português: palavra e língua.

Os dados revelaram que 75% dos informantes que interpretaram corretamente o conteúdo da OA tinham conhecimento prévio sobre a história da Torre de Babel. Assim, entende-se que a escolha de alternativa de tradução para a expressão foi facilitada por conhecer que a história relata a origem das diversas línguas, revelando o significado de *kotoba* na oração.

Os registros dos PVR, feitos por meio de gravador, indicam as maiores dificuldades encontradas pelos próprios informantes durante a atividade tradutória. Em relação ao conhecimento contextual, o informante P2 relatou que sua maior dificuldade fora a falta de contexto, enquanto P12 considerou que a atividade tradutória “foi meio fácil porque eu já sabia da história em si, já sabia o que acontecia, a sequência de eventos”. P15 também comentou que a falta de contexto foi uma dificuldade, pois “a (minha) única confusão é que não conheço a história, então faltou contexto para colocar em palavras mais normais do português”. Por fim, P20 afirma que “tive algumas dúvidas em relação a qual palavra escolher para traduzir. por exemplo, *kotoba*. Eu fiquei na dúvida se usava palavras ou línguas, mas optei por línguas porque, pelo contexto, o que eles não entendiam era por causa da diferença de línguas”.

Em relação à construção sintática, P9 relatou que “(a dificuldade) começava pelo ‘*kotoba ga*’ e principalmente aqui no *hitobito*, para poder ordenar as frases. Primeiro, aqui é o marcador do tópico, o ‘(*hitobito*) wa’, essa parte, principalmente, fiquei na dúvida se deixava ela na frente ou alterava a posição dela”. Já P7 menciona não saber se *kotoba ga tsuujiru* é uma expressão idiomática, afirmando que “a primeira expressão (*kotoba ga tsuujiru*), não sabia se era algo cristalizado ou se deveria traduzir termo por termo, aí já ficou mais difícil”. P5 afirmou que a maior dificuldade foi buscar palavras que correspondessem ao sentido original do texto, o sentido literário e o sentido semântico do texto.

5. DISCUSSÕES FINAIS

A coleta e a análise de dados foram realizadas com a finalidade de verificar se há dificuldade na identificação da estrutura sintática da OA em japonês. Os resultados dos dados mostraram que 75% dos informantes conseguiram identificar sintaticamente a OA, o grupo S, enquanto os outros 25% não conseguiram, o grupo N.

Os dados revelaram que o grupo S consumiu mais tempo na elaboração do texto correspondente a OA em questão, e também realizou mais segmentações neste trecho, na forma de micro UTs, durante o processo de tradução. Enquanto a média percentual de tempo utilizado na OA em relação ao total do grupo N foi de 8%, a média percentual do grupo S foi mais de duas vezes maior, aproximadamente 20%. A segmentação do texto alvo na OA, em termos de média percentual de micro UT, também foi maior no Grupo S, aproximadamente de 20%, em relação aos 8% do grupo N. Portanto, os dados indicam que a identificação da OA apresenta tendência a exigir dos informantes maior esforço cognitivo devido à dificuldade - através de ações como leitura e releitura do texto fonte, revisão do texto alvo, alterações e pausas para reflexão e busca de soluções, etc. Ressalta-se que informantes do Grupo N podem não ter identificado a OA devido à leitura desatenta do texto fonte, o que acarretou na má interpretação e, conseqüentemente, tradução incorreta da OA ou à falta de competência linguística e, por isso, não há realização de muito esforço cognitivo.

Ademais, dentro do Grupo S, apenas quatro alunos registraram um baixo uso de tempo na OA. Os demais alunos, embora tenham identificado corretamente a OA, realizaram mais esforço cognitivo durante a tradução do trecho correspondente. Em relação à segmentação textual na OA, apenas dois informantes realizaram uma média percentual menor que 10% no trecho. Assim, a pesquisa indica que há tendência em dificuldade de identificação da OA, uma vez que 25% dos alunos não identificaram a OA e, entre os que a identificaram, a média de tempo utilizado na elaboração do texto de chegada e a média de micro UT envolvidas na tradução da OA em relação ao total é expressiva, o que indica realização de esforço cognitivo.

A análise da compreensão semântica da expressão *kotoba ga tsuujiru* mostrou que apenas 40% dos informantes compreenderam o conteúdo semântico

contido na OA. Dentre este grupo de informantes, 75% conheciam a história da Torre de Babel, atestando a influência do conhecimento contextual no processo de tradução.

A ferramenta Translog foi de fundamental importância para a realização desta pesquisa. A partir dos conceitos abordados, foi possível analisar a segmentação de texto a partir de um valor de pausa pré-definido e, assim, verificar as dificuldades encontradas pelos alunos. O tempo limitado para realização da pesquisa restringiu a análise dos dados à OA, mas a partir do Translog seria possível verificar e identificar diversas outras questões problemáticas no aprendizado de japonês como LE por falantes de PB. Assim, a análise do processo de tradução pode funcionar como um instrumento para o diagnóstico de falhas e carências no aprendizado para estudantes de LE.

Por fim, observa-se que os testes estatísticos realizados, utilizando o modelo de *Wilcoxon* pareado, mostraram que a diferença entre os grupos S e N não são significativas. Isso ocorreu devido à heterogeneidade do grupo S – tanto em relação ao processo de tradução quanto ao perfil do informante. Portanto, é imprescindível refazer o experimento com maior número de informantes e, com textos fontes com OAs variadas, a fim de confirmar a tendência verificada de dificuldade na identificação de OAs em língua Japonesa.

6 REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALVES, F. Tradução, cognição e contextualização: triangulando a interface processo-produto no desempenho de tradutores novatos. D.E.L.T.A., n.19, Especial, 2003. p.71-108

ALVES, F.; VALE, D.C. On drafting and revision in Translation: a corpus linguistics oriented analysis of translation process data.

ALVES, F.; VALE, D.C. Probing the unit of translation in time: Aspects of the design and development of a web application for storing, annotating, and querying translation process data. *Across Languages and Cultures (Print)*, v. 10, 2009. p. 251-273

BECHARA, EVANILDO. *Moderna Gramática Portuguesa*. 38ª ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2015.

DRAGSTED, B. Segmentation in translation. Differences across levels of expertise and difficulty. *Target* 17:1, 2005. p. 49-70

HANSEN, G. The dialogue in translation process research. *Translation and Cultural Diversity*. Selected proceedings of the XVIII FIT World Congress. 2008.

JAE-HO LEE; YOICHIRO HASEBE. (in preparation). Readability Measurement of Japanese Texts Based on Levelled Corpora. In Andrej Bekeš and Irena Srdanović (eds.) *Papers on Japanese Language from Empirical Perspective*. Ljubljana, Slovenia: Znanstvena založba FF.

JAKOBSEN, A. L. Logging target text production with Translog. In G. Hansen (ed.). *Probing the process in translation: methods and results*. (Copenhagen Studies in Language 24). Copenhagen: Samfundslitteratur. 1999. p.9-20.

MUKAI, Y.; SUZUKI, T (Orgs.). *Gramática da Língua Japonesa para Falantes do Português*. 3 ed. Coleção Japão em Foco, v. 6, Campinas, SP: Pontes Editores, 2017.

SHIBATANI, M. Japanese. In: COMRIE, B.(Ed.) *The world major languages*. Oxford Univ Press, Oxford. 2009, p 741-763.